

Domicílios chefiados por mulheres e pobreza no Brasil: uma análise de 2011 a 2015.

Andrezza Luiza Batista

Mestranda em Economia Aplicada - Departamento de Economia Rural – Universidade Federal de Viçosa (UFV).

Lorena Vieira Costa

Professora – Departamento de Economia Rural – Universidade Federal de Viçosa (UFV).

Resumo

Apesar da elevação do número de domicílios chefiados por mulheres ao longo dos anos, estes são usualmente relatados como os mais prováveis de viverem em condição de pobreza. Diante disso, buscando contribuir para este debate, no presente estudo, verificou-se se o fato de um domicílio ser chefiado por mulher eleva sua probabilidade de fazer parte dos 5% mais pobres do Brasil. Busca-se, também, averiguar quais características do domicílio, do seu chefe e do local onde vivem afetam tal probabilidade. Para esta finalidade, utilizou-se uma regressão logística para dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD) de 2011 a 2015.

Palavras-Chave

Domicílios Chefiados por Mulheres. Pobreza. Feminização da Pobreza. Estrutura Domiciliar.

Área Temática

2. Teoria Econômica e Economia aplicada

Apoio Financeiro

Bolsa de Mestrado concedida pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)

1. Introdução

De acordo com o UNDP (2018), desde os anos 1990 mais de 1 bilhão de pessoas conseguiram sair da condição de extrema pobreza, contudo, apesar do progresso, mais de 800 milhões de pessoas ainda vivem em tal situação ao redor do mundo, sendo que a grande maioria é mulher.

A noção de que as mulheres estão super-representadas dentre os pobres ficou estabelecida de fato na Quarta Conferência Mundial sobre as Mulheres, ocorrida em Pequim em 1995, onde foi declarado que as mulheres representavam cerca de 70% dos pobres do mundo e que a tendência era a de que houvesse uma elevação desse número (United Nations 1995). Desde então, aumentou-se a discussão acerca do fenômeno conhecido como “feminização da pobreza”, que pode ser definido como um aumento da proporção de pessoas do sexo feminino consideradas pobres em comparação com pessoas do sexo masculino, e como um aumento da diferença nos níveis de pobreza de domicílios chefiados por mulheres, em comparação com domicílios chefiados por homens ou por um casal (Medeiros, Costa 2008; Bradshaw, Chant, Linneker 2017).

A elevação significativa do número de domicílios chefiados por mulheres ao longo dos anos faz com que este fato ganhe notória importância. No Brasil, de acordo com dados do censo demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), cerca de 22% dos domicílios eram chefiados por mulheres no ano 2000. Em 2010, no entanto, esse número se elevou para 37,3%. Dos domicílios com a presença de um cônjuge, o aumento da chefia feminina foi de 26,9 pontos percentuais nesses 10 anos.

Subjacente a esses dados estão diferentes características dessas mulheres que contribuem para sua situação de vulnerabilidade. Mulheres de raça negra, por exemplo, correspondem a cerca de 7,4% dos extremamente pobres no Brasil, 13,4% dos pobres e 53% dos vulneráveis (Marcondes *et al.* 2013). Assim, é importante não apenas verificar a hipótese de feminização da pobreza, mas também, investigar os fatores que podem elevar a vulnerabilidade das mulheres. De fato, estes são os dois objetivos deste estudo: i) verificar se o fato de um domicílio ser chefiado por uma mulher possui impactos significativos sobre a probabilidade daquele domicílio fazer parte dos 5% mais pobres da população brasileira, avaliando o período entre 2011 e 2015 e ii) investigar se fatores como a raça, a situação conjugal e o fato de se exercerem jornadas duplas de trabalho são responsáveis por tornar estas mulheres mais ou menos prováveis de estarem em situação de pobreza.

Conforme CEPAL (2004), a feminização da pobreza relaciona-se ao fato de que as mulheres chefes tendem a auferir menores rendas médias no mercado de trabalho e enfrentarem grandes dificuldades para manterem-se e assegurarem-se em seus empregos, devido a restrições de tempo e mobilidade. Além disso, essas mulheres, em geral, desempenham tanto trabalho remunerado quanto trabalho não pago, visto que grande parte delas é mãe solo, ao contrário de domicílios chefiados por homens, que usualmente contam com a presença de cônjuges. Na América Latina, segundo CEPAL (2004), há um cônjuge em 88% dos domicílios chefiados por homens, enquanto não há nenhum em 90% dos domicílios chefiados por mulheres. Este fato fornece uma indicação de que a situação conjugal e o fato de exercerem jornadas duplas de trabalho podem ser relevantes para a explicação da vulnerabilidade dos domicílios chefiados por elas.

Além de se estabelecer na literatura acerca da investigação quanto à feminização da pobreza, este estudo ainda contribui para este debate avaliando em que medida diferentes características dessas mulheres contribuem para este cenário. Além disso, em termos metodológicos, este trabalho analisa a evolução temporal de tais relações por meio da utilização dos dados empilhados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), de 2011 a 2015, permitindo uma análise temporal sobre o tema.

Além desta introdução, o trabalho está organizado em outras quatro seções. A segunda seção discute brevemente estudos que abordaram a relação entre domicílios chefiados por mulheres e pobreza. A terceira seção reporta os procedimentos metodológicos e descreve os dados da pesquisa. A quarta seção apresenta e discute os principais resultados. E por fim, na quinta seção encontram-se as considerações finais do estudo.

2. Domicílios chefiados por mulheres e pobreza: algumas evidências

A inserção da mulher no mercado de trabalho é um fenômeno mundial que vem ocorrendo ao longo dos anos. Entretanto, apesar do aumento da presença feminina no mercado de trabalho, as desvantagens enfrentadas pelas mulheres continuam evidentes: maior taxa de desemprego, permanecem desempregadas por mais tempo, segregação ocupacional, salários mais baixos e menores oportunidades de ascensão. Mesmo assim, a maior inserção da mulher no mercado de trabalho possibilitou a ela um papel de maior destaque no domicílio, implicando em grandes alterações na estrutura domiciliar (Galeazzi 2001; Lavinás, Nicoll 2006).

Segundo Arias e Palloni (1996), na América Latina, a característica que mais afeta as chances das mulheres se tornarem chefes de domicílios é o estado civil. De fato, a emancipação feminina relaciona-se com a segunda transição demográfica pela qual passa grande parte dos países da América Latina, conforme ressaltam Liu, Esteve e Treviño (2017). Esse processo é marcado pelo adiamento de uniões e do nascimento dos filhos, redução na taxa de casamentos e elevação do número de pessoas que vivem sozinhas. Assim, tais alterações nas estruturas domiciliares, juntamente com as características do emprego feminino, que deixam as mulheres em posição economicamente vulnerável, podem ser consideradas responsáveis pela elevação

do número de domicílios chefiados por mulheres vivendo em condição de pobreza (Jones, Kodras 1990).

A vulnerabilidade feminina deve ser associada, também, às dificuldades culturais que as mulheres enfrentam ao se tornarem chefes de domicílio, uma vez que, de acordo com as normas sociais tradicionais, tal posição caberia aos homens (Costa, Marra 2013). Além disso, domicílios chefiados por mulheres estão, também, em desvantagem ao se tratar de exposição a choques (tais como perda de emprego, orfandade, mudanças econômicas bruscas), nível de consumo e, portanto, vulnerabilidade (Klasen, Lechtenfeld, Povel 2015). Assim, pode-se dizer que as mulheres chefes de domicílio estão em desvantagem tripla: experienciam as fronteiras da pobreza, a discriminação de gênero e a falta de assistência como chefes de domicílio (Buvinić, Gupta 1997). A mulher chefe ocupa ainda, tanto a posição provedora principal quanto a posição de pessoa responsável pelos cuidados com o lar e a família, fazendo com que ela tenha uma jornada dupla, sendo também pobre na dimensão do tempo (Fuwa 2000).

Diante disto, a presença de crianças no domicílio é aspecto importante desta discussão, uma vez que, entre os domicílios chefiados por mulheres, as mais prováveis de serem pobres são as monoparentais. Além disso, as crianças desses domicílios possuem maior probabilidade de serem pobres na vida adulta (McLanahan, Booth 1989; Barros, Fox, Mendonça 1995; Lavinias, Nicoll 2006; Snyder, McLaughlin, Findeis 2006). Dentre as diversas estruturas familiares onde a mulher é chefe do domicílio, as famílias onde a mãe vive com um parceiro possuem as menores taxas de pobreza, indicando que o fato de se possuir a renda de mais um adulto no domicílio pode ser de grande importância para o desenvolvimento das crianças (Snyder, McLaughlin, Findeis 2006).

Empiricamente, a relação entre pobreza e domicílios chefiados por mulheres tem sido verificada em diferentes países. Os países africanos com maior Produto Interno Bruto (PIB) possuem uma menor porcentagem de domicílios chefiados por mulheres (Milazzo, de Walle 2015). Quisumbing, Haddad e Peña (2001), ao analisarem uma amostra de 10 países (6 da África Sub-Saariana, 3 da Ásia e 1 da América Latina), verificaram que, tanto as mulheres quanto os domicílios chefiados por elas, estão super-representadas dentre os pobres, o que significa que as mulheres se encontram em situação de maior vulnerabilidade que os homens, em qualquer posição familiar. Fisher e Naidoo (2016), ampliam a análise ao considerarem a situação das mulheres em 47 países e observam que as disparidades entre domicílios chefiados por homens e mulheres são espacialmente heterogêneas, o que indica que em um país os domicílios chefiados por mulheres podem estar em desvantagem, por exemplo, no acesso à saúde e em outro estar em desvantagem quando se trata de posse de terras (Fisher and Naidoo 2016). A desvantagem feminina, embora multidimensional e distinta entre os países, persiste.

Nos Estados Unidos, há uma forte relação entre a dinâmica de formação domiciliar e a pobreza dos domicílios chefiados por mulheres. Há, também, uma diferença significativa entre as que residem em áreas rurais e as que residem em áreas urbanas, com maior incidência de pobreza dentre as primeiras, principalmente devido a seu mais baixo nível de acumulação de capital humano e à menor proporção de chefes em idade para trabalhar (McLaughlin, Sachs 1988; Jones, Kodras 1990; Snyder, McLaughlin 2004). Da mesma forma, as áreas rurais do Vietnã e da Tailândia tendem a apresentar maior vulnerabilidade, além disso há uma heterogeneidade entre os domicílios chefiados por mulheres, onde os monoparentais femininos são os mais vulneráveis e pobres em consumo. O único consenso está na exposição ao choque, onde pode-se considerar todos os domicílios em situação igualmente desfavorável (Klasen, Lechtenfeld, Povel 2015).

No Panamá, os domicílios chefiados por mulheres tendem a ser mais pobres do que os domicílios chefiados por homens, principalmente em ambiente urbano (Fuwa 2000). Na Nicarágua, os domicílios chefiados por homens parecem ser levemente mais vulneráveis que os domicílios chefiados por mulheres, o que se deve ao fato de haver uma dominância de

domicílios chefiados por homens entre os domicílios rurais (Montoya, Teixeira 2017). Além disso, segundo Montoya e Teixeira (2017), dentre os domicílios nicaraguenses chefiados por mulheres, os domicílios monoparentais femininos tendem a ser mais pobres que os domicílios biparentais cujo chefe é uma mulher.

No caso brasileiro, Barros, Fox e Mendonça (1997) apontam que os domicílios chefiados por mulheres estão super-representados na última faixa das categorias de renda, ou seja, dentre os mais pobres. A principal razão da pobreza vivenciada por eles, segundo esses autores, não é o baixo número de pessoas que possuem renda no domicílio e sim a baixa renda daqueles que recebem. Apesar disso, Lavinás e Nicoll (2006) observaram que o fator que contribui com maior peso para a vulnerabilidade do domicílio é a presença de uma criança e não o sexo do chefe. No entanto, segundo Liu, Esteve e Treviño (2017), os domicílios brasileiros chefiados por mulheres se encontram em desvantagem em relação aos domicílios chefiados por homens não importando qual a composição familiar e onde ele se encontra, indicando que a feminização da pobreza é um fenômeno com forte presença no território brasileiro (Liu, Esteve, Treviño 2017).

Diante dessa discussão, percebe-se que a hipótese de feminização da pobreza não é inequívoca. No entanto, há relativo consenso quanto ao fato de que diferentes estruturas domiciliares e ambientes podem ser responsáveis por elevar a vulnerabilidade de um domicílio. Ao fornecer evidências recentes quanto a essas tendências e investigar os fatores que podem se associar à situação de pobreza das mulheres brasileiras, este trabalho avança e contribui de forma significativa à literatura existente.

3. Estratégia empírica

3.1. O efeito da chefia feminina de domicílio sobre sua condição de pobreza.

A principal relação de interesse deste trabalho é o efeito de se pertencer aos domicílios chefiados por mulheres sobre a probabilidade de pobreza. A fim de se controlarem aspectos temporais e nas unidades de seção cruzada, utilizaram-se dados empilhados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD) de 2011 a 2015. Dessa forma, a equação de interesse, em sua forma mais completa, é especificada da seguinte forma:

$$\begin{aligned}
 y_{i,s,t} = & \alpha + \beta \text{chefe}_{m_{i,s,t}} + \theta(\text{chefe}_{m_{i,s,t}} * \text{raça}_{i,s}) + \sigma \text{raça}_{i,s} \\
 & + \psi(\text{chefe}_{m_{i,s,t}} * \text{jornada}_{dupla_{i,s,t}}) + \zeta \text{jornada}_{dupla_{i,s,t}} \\
 & + \varphi(\text{chefe}_{m_{i,s,t}} * \text{parceiro}_{i,s,t}) + \varsigma \text{parceiro}_{i,s,t} + X'_{i,s,t} \vartheta \\
 & + \tau \text{DummyRegião} + \rho \text{DummyAno} \\
 & + \eta(\text{DummyRegião} * \text{DummyAno}) + \varepsilon_{i,s}
 \end{aligned} \quad (1)$$

em que $y_{i,s,t}$ é uma *dummy* que apresenta valor igual a 1 se o domicílio i , localizado no estado¹ s , no período t , faz parte dos 5% mais pobres da população e igual a 0 caso contrário. O principal interesse recai sobre o coeficiente da variável $\text{chefe}_{m_{i,s,t}}$, que assume valor igual a 1 para os domicílios que são chefiados por mulheres e igual a 0 para os que são chefiados por homens. Interessam também os efeitos relacionados às variáveis de interação com a variável de chefia feminina: $\text{chefe}_{m_{i,s,t}} * \text{raça}_{i,s}$ indica se a chefe do domicílio é uma mulher não branca,

¹ Os estados brasileiros são: Acre, Alagoas, Amapá, Amazonas, Bahia, Ceará, Distrito Federal, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Piauí, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Rondônia, Roraima, Santa Catarina, São Paulo, Sergipe e Tocantins.

$chefe_{m_{i,s,t}} * parceiro_{i,s,t}$ indica se a chefe do domicílio possui um parceiro² e $chefe_{m_{i,s,t}} * jornada_{dupla_{i,s,t}}$ indica se ela possui jornada dupla de trabalho. Com isso, foram incluídas, também, as seguintes variáveis binárias: $raça_{i,s}$ que apresenta valor igual a 1 para indivíduos não brancos e igual a 0 caso contrário, $jornada_{dupla_{i,s,t}}$ que assume valor 1 se o indivíduo possui jornada dupla de trabalho e 0 caso contrário e $parceiro_{i,s,t}$ que é igual a 1 se o indivíduo possui um parceiro dentro do domicílio e 0 caso contrário.

No vetor $X'_{i,s,t}$, foram inseridas como controles a educação do chefe em anos de estudo, a idade do chefe, o número de pessoas no domicílio, se há crianças (de 0 a 14³ anos) no domicílio, se há aposentados e/ou pensionistas e se o domicílio se encontra em ambiente urbano ou rural. Foram incluídas, também, *dummies* de efeitos fixos de macrorregiões, para controlar a heterogeneidade territorial brasileira, e efeitos fixos de anos, afim de capturar as condições que se alteram a cada período, e, por fim, interações entre as *dummies* de região e as de ano, com o intuito de controlar a tendência observada nas regiões no período analisado. Devido à forma assumida pela variável dependente, o modelo econométrico utilizado neste estudo é o modelo de regressão logística. Os erros padrões obtidos são robustos e também calculados por meio de *clusters* de estados.

3.2. Fonte dos dados e definições das variáveis

A fim de avaliar a dinâmica da pobreza ao longo do tempo, este trabalho utilizou os dados empilhados da PNAD, proveniente do IBGE para os anos de 2011 a 2015. A PNAD é uma pesquisa anual por amostragem probabilística de domicílios, realizada em todo o território nacional, que tem como alvo os domicílios e todas as pessoas que vivem nele (IBGE 2018). O plano de amostras da PNAD é auto ponderado, ou seja, procura assegurar que todos os domicílios tenham a mesma probabilidade de seleção (Silva, Pessoa, Lila 2002). Devido seu caráter de amostragem complexa, foram considerados, durante as estatísticas dos dados e a regressão, a distribuição de peso e classificação do estrato. Foi considerada toda a extensão territorial brasileira exceto os municípios rurais da região Norte, por não estarem inclusos na base de dados. O número total de observações foi de 1.803.456.

Sobre a variável dependente deste estudo – *dummy* indicativa do fato do domicílio pertencer aos 5% mais pobres, cabe destacar que, para criá-la, foi utilizado o rendimento mensal domiciliar *per capita*, que considera todas as fontes de rendimento de todos os indivíduos do domicílio. Utilizar a renda *per capita* para criar a variável de pobreza ao invés da renda total familiar tende a reduzir a super-representação dos domicílios chefiados por mulheres dentre os pobres, uma vez que eles costumam ser menores do que os domicílios chefiados por homens (Buvinić, Gupta 1997). Com isso, os 5% mais pobres são aqueles domicílios que pertencem ao quinto percentil da amostra, ou seja, possuem uma renda familiar mensal *per capita* menor ou igual a R\$105,99⁴.

4. Resultados e Discussão

4.1. Perfil dos chefes de famílias brasileiros, por sexo

A Tabela 1 descreve, a partir de dados da PNAD, características de homens e mulheres chefes de domicílio no Brasil, para os anos de 2011 e 2015.

² Essa variável indica a presença de um parceiro (a) dentro do domicílio, independente do estado civil.

³ Idade composta conforme Cavenaghi e Alves (2018).

⁴ As variáveis de renda foram deflacionadas utilizando o Índice Nacional de Preços ao Consumir Amplo (IPCA) dos respectivos anos.

Por meio dos dados apresentados na Tabela 1, é possível perceber que dentre os chefes de domicílio, cerca de 37% eram mulheres em 2011, enquanto que em 2015, esse número aumentou para cerca de 40%. Quanto ao local onde vivem, há uma concentração da amostra na área urbana e no Nordeste e Sudeste, para ambos os sexos. Para ambos os sexos, em ambos períodos, mais de 50% da amostra se auto declarou como negro ou pardo. Já quanto ao estado civil, a maioria dos chefes de domicílio de ambos os sexos é solteira, o que se dá devido à crescente dos arranjos domiciliares unipessoais (presença de só uma pessoa no domicílio) e monoparentais (pai ou mãe e filhos, sem cônjuge). É interessante observar que, entre os indivíduos que já possuíram um parceiro e não mais o tem (separado, divorciado e viúvo), as mulheres eram maioria, tanto em 2011 quanto em 2015. Assim, há um indício de que o significativo número de mulheres sem parceiros possa ser um dos motivos para o crescente número de domicílios chefiados por mulheres, uma vez que, como observado por Arias e Palloni (1996), essas são as mais prováveis de se tornarem chefes de domicílio. Observa-se, ainda, um grande número de mulheres viúvas chefes de domicílios, o que, de acordo com Cavenaghi e Alves (2018), pode ser justificado por um fenômeno conhecido como feminização da velhice, em que as mulheres tendem a ser super-representadas dentre os idosos.

Tabela 1: Características de homens e mulheres chefes de domicílio no Brasil, 2011 e 2015.

| | 2011 | | 2015 | |
|----------------------------|-------|--------|-------|--------|
| | Homem | Mulher | Homem | Mulher |
| | % | | | |
| Chefe de família | 62,83 | 37,17 | 59,48 | 40,52 |
| Urbano | 83,13 | 92,26 | 82,42 | 91,82 |
| Rural | 16,87 | 7,74 | 17,58 | 8,18 |
| Região: | | | | |
| Norte | 14,08 | 13,99 | 14,48 | 13,97 |
| Nordeste | 27,82 | 29,04 | 26,38 | 39,91 |
| Centro-Oeste | 11,22 | 10,29 | 10,90 | 10,37 |
| Sul | 16,71 | 17,08 | 17,21 | 15,65 |
| Sudeste | 30,17 | 29,60 | 31,03 | 30,46 |
| Raça: | | | | |
| Branco | 44,77 | 45,37 | 42,44 | 41,16 |
| Negro e Pardo | 54,18 | 53,47 | 56,67 | 57,92 |
| Amarelo e Indígena | 1,06 | 1,17 | 0,90 | 0,90 |
| Estado Civil: | | | | |
| Solteiro | 68,10 | 44,32 | 68,01 | 47,03 |
| Casado | 12,43 | 8,51 | 11,10 | 7,59 |
| Separado | 4,39 | 6,43 | 2,91 | 3,84 |
| Divorciado | 8,31 | 12,39 | 10,37 | 14,98 |
| Viúvo | 6,78 | 28,35 | 7,60 | 26,55 |
| | Média | | | |
| Anos de Estudo | 8,06 | 8,19 | 8,58 | 8,75 |
| Idade | 46,53 | 49,50 | 48,13 | 50,58 |
| Horas Semanais Trabalhadas | 43,06 | 36,70 | 41,29 | 35,35 |

| | | | | |
|---------------------------------------|----------|----------|----------|----------|
| Horas Semanais em Afazeres Domésticos | 11,94 | 27,81 | 11,62 | 24,76 |
| Número de pessoas no domicílio | 3,31 | 2,99 | 3,11 | 2,89 |
| Renda | 1.738,33 | 1.240,46 | 2.258,91 | 1.627,31 |
| Total de Observações | 70.362 | 41.624 | 70.154 | 47.785 |

Fonte: Elaboração própria a partir de dados da PNAD.

Em 2011, a idade média dos homens chefes era 46 anos, enquanto a das mulheres era 49 anos, já em 2015, suas idades eram, em média 48 e 50 anos, respectivamente. Em relação à escolaridade, houve uma elevação da média de anos de estudo tanto das mulheres chefes de domicílio quanto dos homens de 2011 para 2015, com destaque para o fato de que as mulheres apresentaram maior tempo médio de escolaridade em ambos os anos, resultado coerente com o encontrado pela literatura brasileira (Araújo, Ribeiro 2001).

A média de horas semanais dedicadas ao trabalho remunerado pelas mulheres foi 36,70 horas em 2011 e 35,35 horas em 2015. Por sua vez, os homens trabalharam cerca de 43,06 e 41,29 horas em 2011 e 2015, respectivamente. Já a média de horas semanais destinadas a trabalhos domésticos foi de 27,81 e 24,76 para as mulheres e 11,94 e 11,62 para homens, em 2011 e 2015, respectivamente. Esses resultados corroboram com a literatura que afirma que as mulheres alocam menor tempo ao trabalho formal que os homens, o que pode ser uma das explicações para sua super-representação dentre os pobres. Além disso, nota-se que elas dedicam maior tempo aos trabalhos domésticos do que homens, aumentando a jornada dupla feminina e fazendo, assim, com que sejam também pobres quanto à dimensão do tempo (Jones, Kodras 1990; Fuwa 2000).

Ao se tratar de rendimento, as mulheres chefes recebiam menos que os homens tanto em 2011 quanto em 2015. No primeiro ano, a renda média das mulheres chefes de domicílio era 71,35% da renda média dos homens chefes, enquanto em 2015 o rendimento médio delas passou a representar 72,04% do rendimento médio deles. Por último, pode-se observar que houve uma redução do tamanho das famílias de 2011 para 2015, reflexo das mudanças sofridas pela estrutura domiciliar ao longo dos anos. Além disso, quando o chefe de domicílio é mulher, a média do número de pessoas no domicílio é menor do que quando o chefe é homem, assim como mostrado por Buvinić e Gupta (1997) para o Chile.

4.2. Mulheres chefes e probabilidade de pobreza

Para avaliar a relação entre os domicílios chefiados por mulheres e a condição de pobreza do domicílio, três diferentes especificações foram estimadas, todas com a mesma variável dependente (Tabela 2). As variáveis de efeitos fixos (região, ano e a interação entre elas) também foram utilizadas em todos os modelos por se tratarem de dados empilhados. A primeira especificação conta somente com a variável que representa o sexo do chefe do domicílio (1 se mulher e 0 se homem). Na segunda especificação, foram incluídas ainda variáveis que representam características pessoais, como: se o indivíduo é não branco, casado e possui jornada dupla de trabalho, anos de estudo e idade do chefe do domicílio e a interação das três primeiras (não branco, casado e jornada dupla de trabalho) com a chefia feminina de domicílio. Já no terceiro modelo, foram incluídas características do domicílio como o número de pessoas, se há crianças e aposentados e/ou pensionistas e se encontra-se em ambiente urbano.

A Tabela 2 apresenta os coeficientes dos modelos estimados por meio da regressão logística e a Tabela 3 mostra o efeito marginal desses modelos. Ao se analisar somente o sexo do chefe do domicílio, no modelo 1, percebe-se que este não possui significância para explicar a probabilidade dos domicílios estarem dentre os 5% mais pobres da população. Entretanto, quando incluídas outras variáveis ao modelo, ela se torna significativa. Este fato sugere duas

possibilidades: (i) no Brasil, o gênero da pessoa de referência não é suficiente para determinar, sozinho, a vulnerabilidade à pobreza do domicílio, e (ii), a primeira especificação sofre de viés de variável omitida (de modo que o efeito associado ao gênero esteja, na verdade, refletindo as influências de diferentes variáveis que distinguem os domicílios chefiados por mulheres).

A primeira explicação é coerente com Lavinás e Nicoll (2006), que afirmam a importância de se considerarem aspectos internos e externos aos domicílios para se avaliarem suas situações de pobreza. No entanto, o fato de que as demais especificações mostrem um efeito positivo e significativo (da variável Chefia feminina), fortalece o argumento de que o gênero importa, mesmo quando se controlam diferentes características desses domicílios, levando a crer que a primeira especificação, de fato, sofra de viés de variáveis omitidas.

Dessa forma, quando consideradas outras variáveis, ser de um domicílio chefiado por mulher aumenta a probabilidade daquele domicílio pertencer aos 5% mais pobres do Brasil. Em termos de efeito marginal, considerando somente o terceiro modelo por ser aquele considerado mais adequado⁵, o fato do domicílio ser chefiado por uma mulher aumenta suas chances de pertencer aos 5% mais pobres do Brasil em 0,31 pontos percentuais.

Tabela 2: Fatores associados à probabilidade de pobreza dos domicílios brasileiros,⁶ Brasil, 2011 a 2015.

| | Modelo 1 | Modelo 2 | Modelo 3 |
|-------------------------------|------------------------------------|--------------------------|--------------------------|
| Chefia feminina de domicílio | 0,00625 ^{NS} (0,06322) | 5,59210*** (0,10603) | 4,95433*** (0,08206) |
| Anos de estudo do chefe | | -0,11245*** (0,00741) | -0,09578*** (0,00514) |
| Idade do chefe | | -0,07624*** (0,00135) | -0,03970*** (0,00134) |
| Chefia feminina*Não branco | | -0,51761*** (0,05907) | -0,41207*** (0,05943) |
| Não branco | | 0,60051*** (0,04958) | 0,44586*** (0,04666) |
| Chefia feminina*Casado | | -1,22951*** (0,10468) | -1,98169*** (0,07902) |
| Casado | | -0,04938** (0,02207) | 0,29527*** (0,03558) |
| Chefia feminina*Jornada Dupla | | -0,82356*** (0,08927) | -1,10656*** (0,08447) |
| Jornada dupla de trabalho | | -1,05748*** (0,10907) | -1,08305*** (0,10675) |
| Número de Pessoas | | | 0,13882*** (0,01213) |
| Crianças | | | 0,49111*** (0,02657) |

⁵ Foram utilizados Akaike e Schwarz como critérios de seleção do melhor modelo.

⁶ Os coeficientes das variáveis explicativas são, conjuntamente, estatisticamente significativos (a 1%) para explicar a probabilidade de se estar dentre os 5% mais pobres da população.

| | | | |
|---|-------------------------|--------------------------|--------------------------|
| Aposentado e/ou Pensionista | | | -4,94438*** (0,12745) |
| Urbano | | | -1,24435*** (0,05413) |
| Constante | -2,2015*** (0,08968) | -2,64805*** (0,09180) | -2,51974*** (0,11325) |
| Efeito fixo de ano | Sim | Sim | Sim |
| Efeito fixo de região | Sim | Sim | Sim |
| Efeito fixo de ano*região | Sim | Sim | Sim |
| <i>R² Count</i> ⁷ | 0,95 | 0,95 | 0,95 |

Fonte: Elaboração Própria.

Nota: *** p<0,01, ** p<0,05, * p<0,1 e ^{NS} p>0,1. Entre parêntesis se encontra o erro padrão.

Tabela 3: Efeito Marginal dos Modelos de Regressão Logística: Brasil, 2011 a 2015.

| | Modelo 1 | Modelo 2 | Modelo 3 |
|-------------------------------|-----------------------|-----------------|-----------------|
| Chefia feminina de domicílio | 0,00023 ^{NS} | 5,59210*** | 0,31096*** |
| Anos de estudo do chefe | | -0,11245*** | -0,00122*** |
| Idade do chefe | | -0,07624*** | -0,00050*** |
| Chefia feminina*Não branco | | -0,51761*** | -0,00460*** |
| Não branco | | 0,60051*** | 0,00559*** |
| Chefia feminina*Casado | | -1,22951*** | -0,01351*** |
| Casado | | -0,04938** | 0,00378*** |
| Chefia feminina*Jornada dupla | | -0,82356*** | -0,00988*** |
| Jornada dupla de trabalho | | -1.05748*** | -0,01275*** |
| Número de Pessoas | | | 0,00176*** |
| Crianças | | | 0,00767*** |
| Aposentado e/ou Pensionista | | | -0,02834*** |
| Urbano | | | -0,02616*** |
| Efeito fixo de ano | Sim | Sim | Sim |
| Efeito fixo de região | Sim | Sim | Sim |
| Efeito fixo de ano*região | Sim | Sim | Sim |

Fonte: Elaboração Própria.

Nota: *** p<0,01, ** p<0,05, * p<0,1 e ^{NS} p>0,1.

As variáveis de educação e idade relacionam-se negativamente com a vulnerabilidade, o que indica que quanto mais velho e mais educado o chefe do domicílio, menor a probabilidade de o domicílio fazer parte dos 5% mais pobres do Brasil. O efeito marginal indica que um ano a mais de estudo e de idade do chefe do domicílio reduz as chances daquele domicílio fazer parte dos 5% mais pobres do Brasil em 0,0012 e 0,0005 pontos percentuais, respectivamente. Esse resultado pode dever-se ao fato dessas variáveis estarem diretamente relacionadas com a

⁷ O *R² Count* indica qual a porcentagem de observações o modelo previu corretamente.

renda do indivíduo, ou seja, pessoas com mais anos de estudo e mais experiência (que está diretamente ligada à idade) tendem a possuir um rendimento maior, reduzindo suas chances de estarem dentre os mais pobres (Araújo, Ribeiro 2001; Ramos, Vieira 2001; Freisleben, Bezerra 2012).

Domicílios chefiados por mulheres não brancas possuem cerca de 0,30 p.p⁸ a mais de chance de pertencerem aos 5% mais pobres da população. Esse resultado corrobora com o encontrado por Snyder, McLaughlin e Findeis (2006) para os Estados Unidos, que mostraram que os domicílios chefiados por mulheres brancas possuem menores taxas de pobreza. Ao contrário do encontrado por esses mesmos autores para os Estados Unidos o efeito da interação Chefia feminina*Casado sugere que, no Brasil, domicílios chefiados por mulheres possuem cerca de 0,29 p.p a mais de chance de estarem dentre os 5% mais pobres se forem chefiados por uma mulher que possui um parceiro. Como no Brasil domicílios nucleares (com presença de cônjuge) são os menos representativos em chefia feminina (Cavenaghi, Alves 2018), esse resultado pode ser um indicativo de que a ocorrência de mulheres chefes nestes arranjos domiciliares é mais frequente em domicílios pobres.

Quanto à interação entre chefia feminina e jornada dupla de trabalho (Chefia feminina*Jornada dupla), tem-se que domicílios chefiados por mulheres possuem 0,30 p.p a mais de chance de estarem dentre os 5% mais pobres da população quando a mulher exerce uma jornada dupla de trabalho. Uma vez que as mulheres desempenham um papel socialmente aceito de responsáveis pelos cuidados com o lar e com os filhos (Observatório Brasil da Igualdade de Gênero 2009; Cavenaghi, Alves 2018), aquelas que dedicam maior tempo ao trabalho não remunerado (afazeres domésticos) acabam dedicando menor quantidade de horas ao trabalho remunerado, reduzindo seu rendimento e, assim, colocando-as em posição desfavorável se comparadas aos homens ou às mulheres que não realizam tais atividades (Observatório Brasil da Igualdade de Gênero 2009; Cavenaghi, Alves 2018).

Em relação às características do domicílio, quanto maior o número de pessoas no domicílio maior sua probabilidade de fazer parte dos 5% mais pobres do Brasil. O mesmo acontece quando o domicílio possui crianças de 0 a 14 anos. Assim, uma pessoa a mais no domicílio aumenta suas chances de estar dentre os 5% mais pobres em cerca de 0,002 p.p. e a presença de uma criança nessa faixa etária aumenta tais chances em 0,007 p.p.

Já a presença de aposentados e/ou pensionistas ajuda a reduzir as chances daquele domicílio estar dentre os mais pobres, o que pode ser devido à elevação da renda total domiciliar por meio de aposentadorias e/ou pensões. Da mesma forma, domicílios localizados em área urbana têm menores chances de estarem dentre os 5% mais pobres do Brasil, resultado esperado, uma vez que Segundo o Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome - MDS (2015), as incidências de extrema pobreza no meio urbano e rural brasileiros foram de 5,4% e 25,5%, respectivamente, para o ano de 2010. Em termos das magnitudes dos efeitos marginais, por fim, temos que tanto a presença de aposentados e/ou pensionistas, quanto o fato do domicílio estar localizado em ambiente urbano reduz suas chances de estar dentre os 5% mais pobres do Brasil em cerca de 0,03 p.p.

5. Considerações Finais

O número de domicílios chefiados por mulheres tem se elevado ano a ano no Brasil e suas características (jornadas duplas de trabalho, ausência de cônjuges e empregos com menores rendas médias) têm sido relatadas como aspectos que os tornam mais vulneráveis à pobreza. Por esse motivo, o presente artigo buscou investigar a hipótese de que tais domicílios

⁸ O efeito da interação Chefia feminina*Não branco é igual à soma dos efeitos marginais desta variável com a *dummy* que representam domicílios chefiados por mulheres (Chefia feminina de domicílio + Chefia feminina*Não branco). O mesmo foi feito para as outras variáveis de interação.

seriam mais prováveis de se encontrarem em situação desfavorável no Brasil, além de buscar trazer informações relevantes sobre quais características domiciliares e do chefe do domicílio influenciam a vulnerabilidade dos mesmos.

Por meio de dados da PNAD de 2011 a 2015, foi observado que o sexo do chefe do domicílio, sozinho, não possui significância para explicar a probabilidade daquele domicílio estar entre os mais pobres. Verificou-se a importância de se investigarem, também, a influência das características do chefe, do domicílio e do local onde vivem.

Ao se controlarem, então, tais características, foi possível observar que o sexo do chefe do domicílio foi a variável com maior impacto para determinar as chances do domicílio estar dentre os 5% mais pobres no Brasil. Os resultados mostraram que os domicílios chefiados por mulheres possuem chances 0,31 pontos percentuais maiores de serem pobres no Brasil do que os domicílios chefiados por homens. Além disso, dos domicílios chefiados por mulheres, aqueles onde a chefe é uma mulher não branca e aquelas em que a chefe exerce jornada dupla de trabalho possuem maiores chances de serem pobres. Dentre as características domiciliares, destacam-se como mais vulneráveis os domicílios com chefes menos educados, mais novos e residentes em áreas rurais.

Os resultados encontrados no presente trabalho são coerentes com a ideia de que os domicílios chefiados por mulheres estão super-representadas dentre os mais pobres no Brasil. Tais resultados sugerem que políticas públicas que foquem nos aspectos que as tornam mais vulneráveis (como jornadas duplas e educação) poderiam ser importantes meios de redução da pobreza, uma vez que o empoderamento feminino e a redução das desigualdades de gênero estão diretamente relacionados com o desenvolvimento de um país. De fato, os resultados mostraram grupos vulneráveis os quais poderiam usufruir de políticas mais focalizadas, como aqueles formados por minorias étnicas/raciais e mulheres que têm que exercer um papel duplo (como principal provedora do lar e principal responsável pelos afazeres domésticos).

Referências

Araújo, Verônica Fagundes, Ribeiro, Eduardo Pontual. 2001. "Diferenciais de Salários Por Gênero No Brasil: Um Análise Regional". Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Economia.

Arias, Elizabeth, Palloni, Alberto. 1996. "Prevalence and Patterns of Female-Headed Households in Latin America". Center for Demography and Ecology, University of Wisconsin-Madison.

Barros, Ricardo, Fox, Louise, Mendonça, Rosane. 1995. "12 Poverty among Female-Headed Households in Brazil." *Investment in Women's Human Capital*, 345.

Barros, Ricardo, Fox, Louise, Mendonça, Rosane. 1997. "Female-Headed Households, Poverty, and the Welfare of Children in Urban Brazil." *Economic Development and Cultural Change* 45 (2): 231–57.

Bradshaw, Sarah, Chant, Sylvia, Linneker, Brian. 2017. "Gender and Poverty: What We Know, Don't Know, and Need to Know for Agenda 2030." *Gender, Place & Culture* 24 (12): 1667–88.

Buvinić, Mayra, Gupta, Geeta Rao. 1997. "Female-Headed Households and Female-Maintained Families: Are They Worth Targeting to Reduce Poverty in Developing Countries?" *Economic Development and Cultural Change* 45 (2): 259–80.

Cavenaghi, Suzana, Alves, José Eustáquio Diniz. 2018. "Mulheres Chefes de Família No Brasil: Avanços e Desafios". Rio de Janeiro: ENS-CPES, 2018. 120 p.; 21 cm (Estudos sobre Seguro, nº 32).

CEPAL, N U. 2004. "Report of the Subregional Preparatory Meeting for South America: Towards the Ninth Session of the Regional Conference on Women in Latin America and the Caribbean." Disponível em:< <https://repositorio.cepal.org/handle/11362/16578>>. Acesso em: 20 ago. 2018.

Costa, Florença Ávila de Oliveira, Marra, Marlene Magnabosco. 2013. "Famílias Brasileiras Chefiadas Por Mulheres Pobres e Monoparentalidade Feminina: Risco e Proteção." Revista Brasileira de Psicodrama 21 (1): 141–53.

Fisher, Brendan, Naidoo, Robin. 2016. "The Geography of Gender Inequality." PloS One 11 (3): e0145778.

Fuwa, Nobuhiko. 2000. "The Poverty and Heterogeneity among Female-Headed Households Revisited: The Case of Panama." World Development 28 (8): 1515–42.

Galeazzi, Irene Maria Sassi. 2001. "Mulheres Trabalhadoras: A Chefia Da Família e Os Condicionantes de Gênero." Mulher e Trabalho 1.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. "Conceitos: PNAD". 2018. Disponível em:
<<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaoodevida/indicadoresminimos/conceitos.shtm>>. Acesso em: 14 set. 2018.

Jones, John Paul, Kodras, Janet E. 1990. "Restructured Regions and Families: The Feminization of Poverty in the US." Annals of the Association of American Geographers 80 (2): 163–83.

Klasen, Stephan, Lechtenfeld, Tobias, Povel, Felix. 2015. "A Feminization of Vulnerability? Female Headship, Poverty, and Vulnerability in Thailand and Vietnam." World Development 71: 36–53.

Lavinas, Lena, Nicoll, Marcelo. 2006. "Atividade e Vulnerabilidade: Quais Os Arranjos Familiares Em Risco?" Dados-Revista de Ciências Sociais 49 (1).

Liu, Chia, Esteve, Albert, Treviño, Rocio. 2017. "Female-Headed Households and Living Conditions in Latin America." World Development 90: 311–28.

Marcondes, Mariana Mazzini, Pinheiro, Luana, Queiroz, Cristina, Querino, Ana Carolina, Valverde, Danielle, França, Danilo, Sotero, Edilza Correia. 2013. "Dossiê Mulheres Negras: Retrato Das Condições de Vida Das Mulheres Negras No Brasil." Brasília : Ipea, 2013. 160 p.

McLanahan, Sara, Booth, Karen. 1989. "Mother-Only Families: Problems, Prospects, and Politics." Journal of Marriage and the Family, 557–80.

McLaughlin, Diane K, Sachs, Carolyn 1988. "Poverty in Female-Headed Households: Residential Differences." Rural Sociology 53 (3): 287.

Medeiros, Marcelo, Costa, Joana. 2008. "Is There a Feminization of Poverty in Latin America?" World Development 36 (1): 115–27.

Milazzo, Annamaria, de Walle, Dominique. 2015. "Women Left behind? Poverty and Headship in Africa". The World Bank.

Ministério Do Desenvolvimento Social E Combate À Fome - MDS. "Cadernos de Estudos: Desenvolvimento Social em Debate". 162 p. 2015. Disponível em: <https://aplicacoes.mds.gov.br/sagi/portal/index.php?grupo=53>>. Acesso em: 27 jun. 2018.

Montoya, Álvaro José Altamirano, Teixeira, Karla Maria Damiano. 2017. "Multidimensional Poverty in Nicaragua: Are Female-Headed Households Better Off?" *Social Indicators Research* 132 (3): 1037–63.

Observatório Brasil da Igualdade de Gênero. 2009. "Impacto Da Crise Sobre as Mulheres." Brasília: Ipea: *SMP: OIT*.

Quisumbing, Agnes R, Haddad, Lawrence, Peña, Christine. 2001. "Are Women Overrepresented among the Poor? An Analysis of Poverty in 10 Developing Countries." *Journal of Development Economics* 66 (1): 225–69.

Ramos, L., Vieira, M. L. 2001. "Determinantes Da Desigualdade de Rendimentos No Brasil Nos Anos Noventa: Discriminação, Segmentação e Heterogeneidade Dos Trabalhadores." *Texto Para Discussão*, no. 803.

Freisleben, Viviane da Silva, Bezerra, Fernanda Mendes. 2012. "Ainda Existe Discriminação Salarial Contra as Mulheres No Mercado de Trabalho Da Região Sul Do Brasil? Evidências Para Os Anos de 1998 e 2008." *Revista Cadernos de Economia* 16 (30/31): 51–65.

Silva, Pedro Luis do Nascimento, Pessoa, Djalma Galvão Carneiro, Lila, Maurício Franca. 2002. "Análise Estatística de Dados Da PNAD: Incorporando a Estrutura Do Plano Amostral." *Ciência & Saúde Coletiva* 7: 659–70.

Snyder, Anastasia R., McLaughlin, Diane K. 2004. "Female-Headed Families and Poverty in Rural America." *Rural Sociology* 69 (1): 127–49.

Snyder, Anastasia R., McLaughlin, Diane K., Findeis, Jill. 2006. "Household Composition and Poverty among Female-Headed Households with Children: Differences by Race and Residence." *Rural Sociology* 71 (4): 597–624.

United Nations. 1995. Disponível em: <http://www.un.org/womenwatch/daw/beijing/pdf/beijing%20full%20report%20e.pdf>>. Acesso em: 13 jul. 2018.

UNDP – United Nations Development Program. 2018. Disponível em: <http://www.undp.org/content/undp/en/home/sustainable-development-goals.html>>. Acesso em: 15 jun., 2018.